

Novos horizontes

PÁGINA * UNIVERSITÁRIA

NÚMERO UM, DE 1 DE JUNHO DE 1945

dirigida por:
Luiz Pacheco e
J. Cardoso Pires

ESQUISSOS

DEPOIS, quando o homem olhou para as rampas inferiores, descobriu nelas a sua nova dimensão. Pela perspectiva dum futuro que já fôra passado, mas que passara amachucado por civilizações de Neros e de Alexandres.

Aristóteles quando afirmou que o homem era um animal social não fez mais que clamar contra essa disjunção de valores inatos ao homem, que os tiranos se esforçaram por propagar.

De braços erguidos. De punhos ameaçadores num abraço impossível. A escravatura fez a civilização antiga. A liberdade foi a aurora duma vontade melhor.

A revolta não chegou no engeitado da Judeia. Ela estava no tutano dos homens de todo o mundo.

Mas o que faltou aos outros homens foi o volume do seu grito. Por isso o mundo tremou com o aparecimento daquêlê filho das massas anônimas. Por isso as algemas se divorciaram dos corpos.

Os carrascos optaram pela adulação e chamaram-lhe divino. E como trazia as mãos cheias de terra das raízes, chamaram-lhe sábio. (Sabendo que êle partiu dos princípios e que a sua teoria é a do princípio organizado.)

Mas contra a convenção, a sua profecia valeu por ter sido um cântico de aniquilamento. Porque era um berro dos humildes e a mudança de concepções seria total.

E, porque as suas pègadas gretadas pela vagabundagem lírica, jamais se apagarão e o grito do seu anátoma

esta PAGINA

é de todos nós, camaradas universitários. A juventude acadêmica é aquela que pela sua posição amanhã, rasgará os caminhos da Terra. Infelizmente, a juventude não tem um órgão seu, onde possa exprimir livremente os seus ideais; onde cada jóvem possa inscrever as suas mensagens, conformes à sua própria ideologia política e religiosa. Aqui, em Novos Horizontes, o poderá fazer. Queremos que Novos Horizontes seja uma página aberta, a que todos os estudantes, sem distinção de crenças ou partidarismos, são chamados a colaborar.

Também virão até nós, umas vezes por outras, os Mestres: Aqueles, que nós respeitamos e seguimos como Mestres — não se confunda o termo com certas «nullidades de cátedra» ou pseudos mentores de acaso. E hão-de-nos trazer o seu testemunho precioso e honesto.

Novos Horizontes não revela hoje um berrante cartaz de promessas e iniciativas. Não quer deslumbrar. Não ambiciona mais que revelar a voz da juventude, venha donde vier e tenha os tons que tiver. Êste é o seu programa, esta a sua directriz.

chega até nós em tôda a altura, êle foi na realidade um profeta.

Um profeta que tirou Madalena a essa noite mortal em que se debatia uma civilização de déspotas. Mas Madalena viveu para os Césares, como os escravos para os Herodíadas.

* * *

A sua profecia é de todos. É uma projecção dos instintos humanos. O longínquo Buda chegara às mesmas conclusões. (:Tôdas as coisas são minhas, todas fazem parte de mim.) Ela é a voz dos homens que não têm raça.

Depois as células desagregavam-se.

O côrpo definhou a pouco e pouco. O micróbio alcançou o núcleo... E as vontades chocaram-se em lutas cobardes. Porque César era a fôrça. A fôrça que destroi o sentido da razão e a afoga num complexo formal que é contra a condição humana.

Depois fez-se um mapa espiritual onde os valores estavam amputados. E que a maioria aceitou sem reticências.

Mas hoje é tempo.

Os indiferentes que desçam da «turrís eburnea». O mapa tem escadas fáceis e erradas. Onde há montes puseram vales. Onde há oceanos desenharam continentes.

Porque a viagem seria mais fácil assim?...

Não. Porque as «madalenas» esperaríam mais gerações...

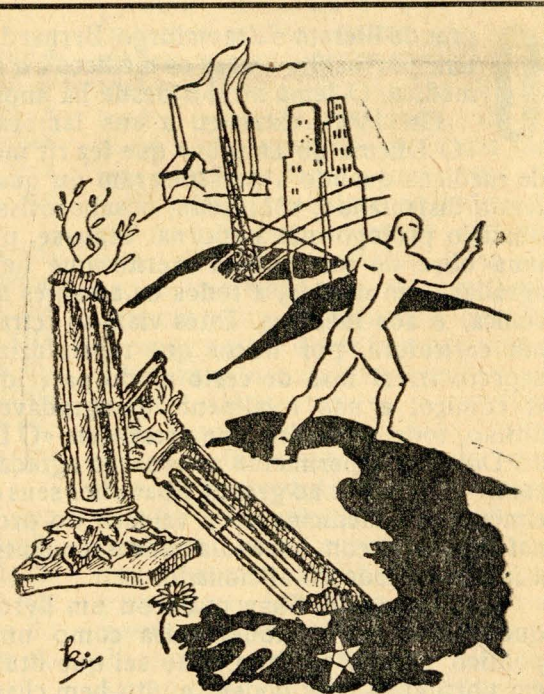


Ilustração de Krónio Ildige especial para «Novos Horizontes»

Tal como o poeta, devemos sentir os sofrimentos dos outros, (Somos, cada um, membros uns dos outros. — disse S. Paulo), e fazer como êle quando descobriu um novo sentido da vida.

Moisés de Miguel Angelo e meu
Fôrça da terra a olhar o céu
Em ar de desafio
Ou Deus ou nós
Que somos naturais
Animais
Crocodilos do Nilo ou doutro rio (*)

Então tudo teria um fim definido. Então tudo seria natural e espontâneo.

josé cardoso pires

(*) Miguel Torga — «Moisés» em «Diário»

POEMA dos CURVADOS e ATENTOS

A chaminé numa esguia promessa
constrói bonecos de momento.
Lá em baixo,
trabalham os curvados e atentos.
— Fábrica de chocolates —

Depois, as senhoras bem vestidas
entram, distraídas, nas confeitarias...
Mas ninguém pode comprar
com rodela de metal ou rectângulos de papel,
o arabesco saído da chaminé.
(Como não estão nos bombons bonitos
os sonhos dispersos
dos curvados e atentos)...

Mas o fumo de tôdas as chaminés,
de tôdas as fábricas,
não se perdeu.
Não o vemos e está nos nossos pulmões
(— E os sonhos
Dos curvados e atentos?
Também os não vemos).

sampaio

Fôlhas do Meu Diário

Choveu. Cheira a terra molhada, côr indefinida.

Queria pedir perdão a alguém da embriaguês que sinto. Mas queria também que me tornassem a dar a taça para beber... e cantar!

* * *

Tarde. Baixa cada vez mais baixa. Fazem-me tédio estas mulheres que só têm trapos para cobrir o corpo. Eva no Paraíso era cem vezes mais casta e verdadeira. E menos inútil.

* * *

Tenho saudades do mar, do cheiro do mar nesta primavera agreste. Lembra-te quando a água descia até nós, em ondas baixinhas? E os passos na praia, arredondavam-se, eram mãos em concha, mãos da terra a pedir esmola. Os barcos a dormirem na areia, as rédes cansadas. Ninguém. Só o gemer das ondas. E então a nossa rêde ia tão longe, tão longe, estendida na praia, parecia de ouro. A nossa rêde ia longe, tão longe, que Deus nos castigou a nós, pescadores da areia. Ali, à beirinha do mar...

Subi ao monte e vi o Mundo.
Subi ao monte e vi o Mundo.
Depois olhei para mim.
Comecei a rir em gargalhadas.
E pedi a Deus (a Deus?) que desse um nome sagrado à minha loucura.

* * *

De manhã logo no carro eléctrico a vida deu-me um safanão. Aquele rapaz sem orelhas, surdo-mudo, a seguir a mãe como um bezerro.

— Quem dá um lugar ao meu filho que é surdo-mudo?
E tudo olhou. A feira a ser mais feira, Em vez de orelhas dois beliscões de carne.

Uma cara idiota por baixo do chapéu. Já se sentaram os dois.
— Quem dá um lugar ao meu filho...
E a gente não tem cá dentro uns sinos ou violas, que desfaçam tudo a cantar!

* * *

Baudelaire. Olhos de ave a rasgar o Mundo. «Mon coeur mis à nu» num olhar selvagem. «Fleurs du mal» são ervas mastigadas com o perfume da terra e do céu.

(Conclusão na 10.ª página)